

Amanhã será sol em pleno trilho escuro,  
Almenara de amor a indicar-te o futuro  
No horizonte da paz, onde a esperança mora.

Mas do tempo que é sombra, anseio, plano e anelo,  
Nos caminhos do Tempo, eis que o Tempo mais belo  
E' o momento imortal que chamamos "agora".

### A N T E V I S Ã O

E um dia chegará, de segundo a segundo,  
A vitória imortal... Tiranias ultrizes  
Dobrarão para sempre as trágicas cervizes  
Ante o reino do amor a espraiar-se, fecundo!

33 A impiedade revel, o ódio a rir-se iracundo,  
A usura de Harpagão e o gládio de Cambises  
Serão restos crostais de velhas cicatrizes,  
Temerárias lições no semblante do mundo!

Não mais fome ou nudez... O arado, a escola e o malho  
Entoarão sobre a Terra as canções do trabalho  
Em trompas e clarins de concerto bendito!

E os homens, céus além, ao tato incontroverso,  
Descobrirão, por fim, nos portais do Universo,  
A bússola de Deus no timão do Infinito!



33. Leia-se com sinérese: *im-pie-da-de*.

MOACIR de Toledo PIZA \*



M O R T O - V I V O

Reborbulha-me a ideia na cabeça...  
Corre o sangue nas veias de meu pulso...  
Os ouvidos, por mais que me estarreça,  
4 Guardam consigo os sons que eu mesmo expulso...

Minha imaginação brinca, travessa...  
Respiro. E' o peito meu, triste, convulso...  
E a razão pede para que não desça  
À sombra imensa de meu próprio impulso.

(\*) Bacharel, em 1915, pela Faculdade de Direito de S. Paulo, colaborou na imprensa de S. Paulo e do Rio, «com incursões, frequentes e ilimitadas, ao epígrama e ao sarcasmo». Mas, «apesar de toda essa aparência de mordacidade iconoclastica à flor da pele, era um sentimental e um lírico. Amigo cem por cento dos amigos» (L. C. de Melo, *Dic. Aut. Paulistas*, pág. 484-485). Foi redator do *Estado de S. Paulo*. Hilário Tácito, na apresentação à *Vespeira*, pág. III, afirma que «a crí-

Fulgura-me a visão na luz dos olhos...  
Meus pensamentos voam sem antolhos...  
O coração prossegue imperativo...

Tenho fome de paz e de conforto!  
Se ontem eu fora estranho vivo-morto,  
Sou agora, em verdade, morto-vivo...

ANÔNIMO \*

A QUI E AÍ

Vento gelado dá beijos traiçoeiros  
Na face contraída do mundo  
Com lábios de cadáveres insepultos.  
As folhas do arvoredo, tiritantes de frio,  
Sussurram gemidos lassos...  
Os insetos enrouqueceram...  
Trino cavo de pássaro doente  
Dissoa tristura pelo espaço...  
A Natureza hiberna no frigorífico da terra.



- 10 Aqui, no homem sem corpo,  
As algemas agrilhoantes do destino  
Enroscam-se à mente sufocada.  
Quanta aflição nas celas dos remorsos!  
Coroa de espinhos  
Dos atos que não foram feitos...  
Galopeia o pensamento!

Aí, dos bastidores do silêncio,  
Debulha a melodia mental  
Galgando as montanhas de ar,  
E fende as cinzas do céu...

---

tica dos doutos consagrou o escritor paulista como digno de figurar entre os nossos mestres do gênero satírico». (Sorocaba, Est. de S. Paulo, 19 de Abril de 1891 — S. Paulo, Est. de S. Paulo, 25 de Outubro de 1923.)

BIBLIOGRAFIA: Sátiras; Calabar, em colaboração com Juó Bananére; Vespeira; etc.

4. Conta R. Magalhães Júnior (*Ant. Hum. e Sát.*, pág. 291) que o poeta foi vítima de uma paixão funesta, que o levou ao suicídio com arma de fogo.

---

(\*) Embora sob o manto do anonimato, registamos aqui a presença de grande poeta modernista.

---

10. *homem sem corpo*, isto é, sem corpo carnal.